



Tres Brincalhões

N.º 264 Lisboa, 13 de Março de 1911

ASSIGNATURA - PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Ilustração
PORTUGUEZA

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAGA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

As maravilhas da Moda

EM PARIS



MADAME M...

TOILETTE DE

Boué Sœurs

9, Rue de la Paix

PARIS

Laxatina

Contra a PRISÃO do VENTRE

E' o medicamento mais suave, economico, eficaz e inoffensivo para adultos e creanças. Caixa 240 réis. COMPANHIA PORTUGUEZA DE HYGIENE. Pharmacia: ROCIO, 60 a 63—LISBOA

BAUME BENGUÉ

Cura totalmente

RHEUMATISMO GOTA NEURALGIAS

D^r BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.





Estomago

O carvão naphtolado granulado da **Companhia Portuguesa Hygiene** é de grande eficacia nos casos de dyspepsia, dilatação do estomago, embaraço gastrico, digestões difficéis, flatulencia, diarrhéas putridas e em geral nas fermentações inestinaes. Frasco, 500 réis.

Pharmacia: ROCIO, 60 a 63 — LISBOA

OS

PHAROS

B. R. C.

ALPHA

São os melhores olhos do chateaur



Agentes em Portugal: BLANC FRERES

CALLE ALCALÁ

Madrid

O POVO DA LYRA

(CARNAVAL BRASILEIRO)

«O' ábri álass
 «Deixa-mi passá
 «Sou povo da lira
 «Nou posso nègá...

Domingo gordo—mal sumidos os ultimos echos de *hallali* com que as trompas de caça dos *clubs*, toda a fremente noite, annunciam das janellas, o latejo da *curé* carnavalesca—magotes de indios bororós, na madrugada brusca, surgem, grunhindo e assobian-do, dos suburbios. Apalmeiram na ca-



A ama e o palhaço



transeuntes um trecho de rua, chispando luz pelo caco de jaspe dos olhos, com a face rente ao chão e o passo rasteirissimo, soprando n'um apito silvos certos, compassados, eguaes, intermitentes, cantando em melopêa arripiante:

«O' ábri álass
 «Deixa-mi passá
 «Sou povo dá lira
 «Nou posso nègá.

Quasi sempre bandeados, estes indios, formam os afa-

beça um espanador de plumas, deixam pender do tronco de chocolate saíotes de pennas de urubú, enfiam os tornozellos em vasos de pennugem, lançam ás costas uma pelle sarapintada, enchem o peito de feitiços, de missangas e de vidros, emmolduram as faces de selvagens n'uma escurrida e luzente cabelleira d'ebano, e brandindo a pá da piroga ou a frecha emplumada, avançam, recúam, aco-coram-se, pulam, varrem de



e 3—Bororós



mados *cordões*. Cordões de tão sanguinaria fama ha annos que, ainda hoje, a policia só lhes consente a exhibição, reservando- e o direito de lhe revistar as pennas e os *pes*, não vá esconder-se entre a plumagem morta ou entre os dedos de gorillas alguma navalha de barba, capoeira, prompta a impedir, no primeiro encontro com outra purria o passo d'uma rua em discussões de precedencia e etiqueta Um terror!

Arvoram os *cordões* acuaes, civilizados na sua maior parte, pendões de luxo, e fazem-se encaudar e adormentar por tropejantes zé-pereiras ou pandeiros em estridência de batuque. O pendão é nos *cordões* uma insignia. Ha cordões com cinco e seis estandartes, marcando ephemerides

que põe no andar saracoteado movimentos umbícaes de dança do ventre.

Com o *princêz* de meias de riscas o *burro* que lê, e o *diabo* cornudissimo sobraçando o proprio rabo, o *bororó* faz o carnaval plebeu do Rio.

Mas todos a quem uma mascara cubra a cara, cem passos dados na senda do seu destino de mysterio e de fornalha, logo atiram encauados ao alto da cabeça a caraça molhada, apontando ao céu de fogo o olhar do burro ou a chaminé do nariz e desvendam a face, de forma que a policia conta já com a estufa do entrudo pa a prender faccinoras que onze me-



Uma mascara que se lava depois da foita

carnavalescas de ceibridade. Estandartes trabalhosa e caprichosamente recortados, pintados, bordados, ricamente franjados de ouro e seda, e sempre annunciando o titulo glorioso do grupo, ou elle se chame capciosamente: *A flôr do abacate* ou com ternura e gratidão celebre *Historia: Gloria ao redemptor Nabuco!*

Pendão—ou pendões—que dominando e acobertando o bando tem um ar de tambem offegar ao sabor da sua marcha n'um exodo triste de tribu, porque se lhe encosta o mastro de veludo ou oiro á barriga india que o supporta, barriga que amiude é de mulher *morena* e

zes algum homiziou e que, rão resistindo ao *Momo* que os disfarça, ao *Capidão* que os acicata e ao calor que os atormenta, atiram para o céu em hora de imprudencia a mascara de suor, esquecidos que essa mascara é uma tumba, e o abril-a é ressuscitar no *xadrez*

O folião fluminense é o mais tenaz, fogoso e sincero folião meu conhecido. Leva de lés-a-lés o seu anno curto de cincoenta e duas semanas em *forrobodós*, *fandanguassús*, *convisco-*





Com o calor:
a máscara à cabeça

tanto lhe monta—n'uma teia de amor, para lhe bifurcar depois a nudez, alisada no torno de um *maillot*, n'uma faca das pampas argentinas e mettel-a a seguir n'um enxame de amazonas, identicamente colhidas, amimadas, machichadas, desnudadas... quando terça feira gorda chega, como ultimo dia do seu anno carnavalesco, e vespera, já se vê, do

tes, bailes, visitas, baptisados, necrologias... tudo, carnavalesco. Propositadamente carnavalesco, gravemente carnavalesco, administradamente carnavalesco. Zela a burra ao cascalhar do chocalho do *vem cá mulata* e do *caracacá*; machicha a 30° na noite abafadiça, com a tanga civilisada do *pijama* e uma toalha ao pescoço para a enxuga; arrefece o *foie-gras* e a luxuria com *Teutonia frapé* e *champagne* gelado; envolve a favorita—d'elle ou'alheia,



Um ferido...

anno novo tambem carnavalesco.

A terça feira gorda é pois o seu sempre anhelado e saudoso S. Silvestre. E os cortejos finaes, cortejos que só em Nice têm confronto, são bem a procissão solemne com que termina cerialmente o seu esturdio lausperenne.

Imaginem comboios interminaveis de galeras de carga alogadas em um scenario de magica rutilante, e com effeitos ineditos de *mechanica theatral*.



Espreitando o combate

Supponham monstruosos boiões de rosa, que desabrocham em plena caminhada e se transformam, tão naturalmente como n'um jardim ou n'uma jarra, em magníficas flores, d'onde surdem

cabeças de odaliscas piscando os olhos e atirando beijos; ostras desmesuradas, abrindo lentamente as conchas de nacar e deixando ver em dengues orientaes as perolas — dos seios — de Walkirias genuinas.. da Polonia; borboletas gigantes, abrindo em desenhos phosphorescentes azas de gaze; Famas emboçando tubas de prata d'onde sahem cupidinhos vivos; as sete palmeiras do Mangue e o seu chiro m ante; meio cento de indias a cavallo; aeroplanos, pairando em nuvens apoteoticas, tudo n'um delirio de bacchanal e n'uma atmospheria de incendio, feita a fogo irisante de Bengala e por entre rasgões de charameillas da «Aida» e o trombetear de dezenas de requintas e trompas, bombos e sinos, palmas, urros, bravos e assobios da multidão! Applausos, urros, e assobios, que as rosas agradecem, as ostras agradecem, as indias agradecem, as borboletas agradecem, os cupidinhos e as nuvens agradecem, com movimentos timidos de damas do Dalot, chegando as mãos á bocca de zarcão e tirando de lá beijos como quem pucha lentamente macarrão ás tiras!

Ora é do *Castello*, da *Caverna* e do *Poleiro* que Momo sopra, com alarido e constancia, pelo busio das suas bochechas chocarreiras, tanta e exuberantissima galhoia

O folião carioca é como elle se proclama: um devoto de Momo. E como o devoto do Todo-Poderoso pertence á irmandade do Santissimo ou á de Nossa Senhora da Conceição, o devoto de Momo ou é *Tinente*, ou *Feniano* ou *Democratico*.

Se é *tinente* é diabo ou dragão e pertence á *Caverna*.

Se é *feniano* é gato e pertence ao *Poleiro*.

Se é *democratico*, é — como eu o fui, do coração! — aguia ou carapicú e pertence ao *Castello*.

As tres pittorescas denominações sociaes: *Democraticos*, *Tenentes do Diabo* e *Fenianos* têm pois o seu equivalente familiar no *Castello*, na *Caverna* e no *Poleiro*, sédes e moradias respectivas a que os tres competidores cortejos se acolhem finda a peregrinação e o triumpho annual e onde a principal quadra tem pelo menos o tamanho livre de meia duzia, ou mais, de rasoaveis salas burguezas de baile, de maneira a supportarem, no phrenesi delirante do mais sensual arraste e ao mesmo tempo, pelo menos cincoenta machiches em ebullição! — Ué... Chi.. Gentes! Já viu seu

Phantasia macabra

Mésquita!..

A multidão sem nome, que se enche de confetti no corso da Avenida, enreda em serpentinas e refresca com lança perfumes, doidamente, enquanto Momo passa ou o Bororó zig-zagueia acororado, soprando a compasso de bатуque o seu silvo selvagem, essa



1—Um reclame
2—O urso e o domador

multidão, rica ou pobre ou catura, e que por pacatez familiar ou patronal, exigência hierarchica ou pobreza proletaria, não está inscripta em clubs ou grupos subalternos, tem todavia pelos tres clubs afamados a sua paixão cer-



ta. E facil é adinvinhar pela gravata, ou pelas ligas, ou atravez das rendas do decote, quem é *democratico*, porque usa a gravata preta e branca, ou *tenente*, se segura as meias com seda vermelha e preta, ou *feniano* porque o lacinho é rubro sobre a cambraia branca da camisa. O mascarado brasileiro chama-se *fantasia-do*. E os bailes de



Um aspecto do carnaval carioca



Dos bailes á fantasia escolherá o amator o que mais da lista social lhe quadra e se ataz á sua tempera. E se o apavora o machiche genuino dos tres clubs populares, ou mesmo o machiche dourado do High-Life ou dos



maçcaras: *bailes á fantasia*. E assim se diz a um dominó importuno ou maganão:

—Já está-mi amolando com a sua fantasia di muleque... Ué. . cácête!

Ou, em confidencias de aventura, certa dama, que se disfarçou de *chauffeur*, communica:

—Eu mi fantasiei di motorista. Pintei diabo! Você mi conheceu seu Aniquileto?



1—O 2ª Pereira 2—Mocinhas 3—O emblema do Club dos Democraticos 4—Aspecto da Avealida Central em terça feira gorda



Outro aspecto do Carnaval do Rio de Janeiro: Os índios



Políticos, apella para o recato do club da Tijuca, ou para o Grupo dos Farofas 'vermelho e amarelo), ou mesmo para o «Grupo carnavalesco vamos misturar, minha gente?», onde a masurka é de tempero familiar e descolada e lenta... mas que no machiche pegado cahirá ao fim da noite, ainda que ao fim da noite as mães peçam ladainha e cantochão... porque tudo na vida, mesmo com ladainha, a machichar se vem — farofinhas perdoae! — o ponto é haver um chocalho bem brandido e na cadencia, e um só machicheiro ou moreninha machicheira, que mesmo sem par que se lhe agarre, mime e desenhe com lascivia e arrojo os requiebrros inebriantes do machiche!

Mas n'esta Babilonia de Guanabara, mesmo em clubs de esturdia, ha pontos de immarcescível recato e pacatez. E senão vejam:

De longe e de Paris a uma mocinha franceza da Tijuca a mãe dava consêlhos de cuidado aos seus vinte e dois annos tentadores. Chega-lhe a carta em pleno Carnaval, e ao relê-la no baile, com marejos de commoção nos olhos diabolicos e lindos, encalha n'esta imposição meiga:



1—Os indios hororôs
2—No corso da Avenida Central
(Clichês de Arnaldo Fonseca)

—Surtout Cécile ne danse pas toute la nuit!

Soluça fundo e com um sorriso de sol por entre nuvens, comenta:

—Ouai! Ma petite mère! Que tu est bête! C'est toujours mieux que de aire des imprudences... comme toi!...

E no proprio *orgão official* dos Democraticos um redactor censura:

«Não posso me conformar com a maneira de certos convidados, mesmo socios, que pensam encontrar aqui no Castello o que não trouxeram. Pois meninos, quem quer se divertir traz a familia de casa»

E é que, realmente, em certas épocas, não ha ou-

tro remedio!

ARNALDO FONSECA,

A VISITA A PARIS DO ORPHÉON ACADEMICO

Conheceis o cascavel? E' um singelo mimo que aos babys infantis se offerta: uma nevoa de crystal contém um bago de pedra e a meiga creança tem por mais vivo encanto sacudil-a de encontro ao sopra de vidro, vibrando assim como um ruidoso guiso. O baby suspende-se: aquelle infantil guisallar d'on-de provirá, porque graça ou mercê? Que mundos ali se encerrarão, que mysterios, que promessas?

Assim Paris! Atravez os nossos tenros annos de esboçada mocidade, em decurso dos nossos anhelos juvenis, Paris surge como um ridente cascavel que os nossos anceios agitam. Cascavel precioso e raro, onde o tremor das nossas ambições febricitante n'uma farandola enlouquecida, avida, soifrega de libertação de entre aquella debil pellicula de crystal onde o sol tremeluzindo roja inundações de luz, cascavel precioso e raro, assim brilha Paris ante nós, preciosamente seductora...

Nunca entrevimos Paris e sempre a sonhámos deliciosa, galante na imagem das suas avenidas populadas por creaturas de uma suavidade quasi subtil, de um encanto prestigioso e doce. Nunca antevimos, nunca perpassámos instantes em Paris, mas nos erguidos raptos da nossa phantasia inalteravelmente a delineámos como se fôra peregrina imagem e, como ante a mulher denunciámos os mysterios da sua compleição viva, ondulante, harmoniosa.

Ao descender de tanto imaginar de boa fé cremos ter aspirado uns instantes o rescender da cidade—sedução, evocamola como ao reerguer o busto adoravel da divina creatura que um dia notámos, instantes seguimos na vida e nunca mais



Antonio Joyce quartanista de direito director do Orpheon

encontrámos, nunca mais surprehendemos, *profil perdu*, no vago expressar de Bourget... ou então declinando de tanto imaginar Paris de quem sonhámos ser um dia proximo sem até ahí a ter alcançado, sentimos a igual enervante emoção de um pastor solícito que dormira alterado, ancioso de que o desperte, eleve e guie, o eleve e conduza pela madrugada timida, pelos plainos frescos de verdura, por entre ramos orvalhadas, pisando estas tranquillas recheadas de camarinhas d'agua, o eleve e conduza a amoravel *Stella Matutina*, a bonançosa estrella da manhã que elle sonha mas de que nunca alcançou ser proximo...

E eis agora o momento azado opportuno, utilissimo, de reconstruir carinhosamente taes enlevados, deliciosos sonhos de alcançar Paris. Multiplicando as suas tentativas e excursões intra-muros de Portuga, o Orpheon de Coimbra eis se abalança n'uma ousada excursão galgando as raias, transpõdo fugaz os Pyrinéos até Paris.

Vae o Orpheon a Paris! E Vossas Ex-



Alfredo Rodrigues dos Santos, quintanista de direito e vogal da direcção do Orpheon



José de Souza Machado, Fontes, quartanista de direito e secretario do Orpheon



Francisco Menano, quartanista de direito e ensalador dos segundos tenores



Medeiros Franco, quartanista de direito e ensalador dos bassos



José Sanzio Ribeiro da Cruz,
quintanista
de philosophia e ensaiador
dos bassos



Sampaio Maia,
alumno da faculdade
de medicina
e ensaiador dos segun-
dos tenores



Uriel Salvador, segundanista
de mathematica
e ensaiador
dos primeiros tenores

cellencias
mal pen-
sam que de
esforços,
quantiosos

afastados
lares, ou-
tros de pro-
ximas Re-
publicas, já

esforços dispendidos, empenhos, mil interesses decididos, dedicações entusiasticas a poir, quantos desanimos surgem, todos os obices, todos os rudes obstaculos que se travessam, quantas contrariedades o circumdam. Evolam-se canções d'entre vozes centenares, crescem coraes, entoam-se hymnos, debuxam-se, ondulam, sinuam *ballets* atravez as vozes, e para o ouvinte curioso é motivo de admirar a maneira opportuna, exacta, quasi automatica como os varios naipes do Orphéon se concertam assim conscia e perfectamente, mercê de creaturas que desconhecem musica e ignoram por vezes o poema de que estão syllabando alguns trechos.

tranquillos do jantar consolador. Entram pela egreja de S. Bento—vêm-nos na gravura?—e contra a face das altas paredes hoje nuas da egreja de cupula mui alta, se despedem traiteios de Wagner, Palestrina e outros que se elevam aos c'mos e sonorismos confusos como

quando se afinam os instrumentos de uma orchestra. Onde eram altares hoje se reúnem as varias cordas do Orphéon, assim tenores primeiros e segundos, assim barytonos e baixos. Cada ensaiador os doma, ou o Medeiros Franco, ilheu apaixonado, de pupilla luminosa, que recavaçõs sons ôcos, estertorosos dos baixos, ou o Joyce, de monoculo, e a dextra fincada no queixo exigindo primores dos barytonos, quer o Menano, o das guitarradas precisamente, teimando, carregando, recarregando nos segundos,



Interior da antiga egreja de S. Bento, onde se realisam os ensaios do Orphéon



O Orphéon Académico em 1911



1—Um ensaio parcial á noite

2—A' espera da hora do ensaio

sempre incredulo do saber d'estes e amenizando de vez o ensaio com uma facecia curiosa, enquanto a seu canto o sr. Ariel desbasta vozes incultas e convida primeiros tenores a erguerem bem subidamente seus me-taes até que os sons percutam ri-gidos, unidos, como agulhas d'aço a alta cupula da egreja.

Agora os grupos de cada naípe dispersam, os bicos de acetylene dependuram-se do altar-mór e sobre o estrado se acamam e disarpezem depois ordenados os orpheonistas para o ensaio geral. Tudo então são con-selhos, notas, advertencias,

observações do Joyce, que os rege e lhes recomen-da um pleno res-pirar, a feição pecu-liar a cada au-ctor, um thorax bem lançado, e at-tenção, muita at-tenção.

Irritam-se pigar-ros, e, ao aceno dado, o trecho se inicia e segue ou aprazível, perfeito, amplamente enun-ciado ou confuso,

timorato e erroneo se o Joyce tudo suspende, pisa e repisa o igual motivo, bate e deba-te mil vezes um passo até que recorrendo a outro trecho pronun-cia amuado muito explicadamen-te: Outra peça de musica...

Mas o ensaio finda, novos se repetem, tudo se apura, as imper-feições se desvanecem, as phra-ses se declinam nitidas, quasi syl-labadas com primor, e os sons posam com delicia similhando o Orphéon um primoroso orgão de tubos ricos e folles poderosos re-soando magníficos. Eis o duro tra-balho conseguido, eis a ardua ta-refa resgatada pelo consolo inedito e

regosijador de uma hora de egre-gia musica. Tudo então é ledó, im-pante de satisfa-ção quasi vaidoso, o Joyce sorri gloriado e a seu hombro grão con-tentamento frue o Fontes, secretario da direcção, que trabalha dia e noi-te sempre diligen-te no executar, sempre preocupa-pado no bem ser-





do o nosso espirito, pousaremos as nossas ambições na ancia de revelar-a tal como o obediente pastor solícito que sempre se envolve de sonhos esperançado no reerguer da estrella da manhã que quando sorriserena, amovavel, feliz luminosa, lhe prenuncia os dias mais propícios na vida.

JOÃO MARIA DE MAGALHÃES
COLLACO

vir por bem do Orphéon, que por todos os meios assim debate, a todos os títulos progride, a despeito de tudo triumpha glorioso e sempre rico de novos animos. Novos animos! Animos taes que o incitam a uma empreza assim de auspicioso exito na iniciativa de uma excursão a Paris, mas excursão bem vivamente portugueza, que em si enfeixe todos os grupos academicos nacionaes, que se nucleie de todos os elementos da nossa vida, que se imbúa do nosso espirito, do nosso pensar, que seja interprete de todas as nossas emoções. Excursão assim bem prenunciamos que esta seja, uma nobilissima embaixada, verdadeiros mercados vivos que as nações entre si cambiam como resumo da figuração physica e intellectiva de um povo são.

Todos o presentem, todos o desejam: assim será. Todos para tal se esforçam, todos para o equal fim collaboram diligentes: assim ha de executar-se. Vae n'es e empenho, n'esse extenuante labor de todos os dedicados ao Orphéon a melhor parte da sua intenção: a restante parcella, não minima, é o desejo absorbente de todos de alcançarem, prenderem, apoderarem, finirem, consolidarem-se em Paris. Já lhe alongamos as avenidas, dispomos os encantos, sombreamos os apraziveis arredores, colorimos os horisontes longiquos, já lhe movimentamos n'um tumultuar alegre, n'um torvelli-

nho febril as ruas, ricas valas aonde dos aromas nos ares envoltos desceraam faces amoraveis de creaturas gracis. E pode Paris ser menor, menos attractiva, mais mesquinha, menos seductora do que quanto prenunciamos que, muito embora, grata imagem d'ella occultaremos, saudosos voltamos a reerguer a sua vida pullulante de imprevisito, d'ella narraremos com o encanto de que nós vencemos ao recordar um vago *Profil perdu*, ou então, parece a sua imagem regressan-



1—A entrada para o ensaio. 2—Discutindo uma hypothese
3—Os ensaladores
(Clichés de G. Tinoco)

O PROBLEMA NAVAL PORTUGUEZ

OS ARSENAES DA CASA ARMSTRONG



Os estaleiros de Elswick, de



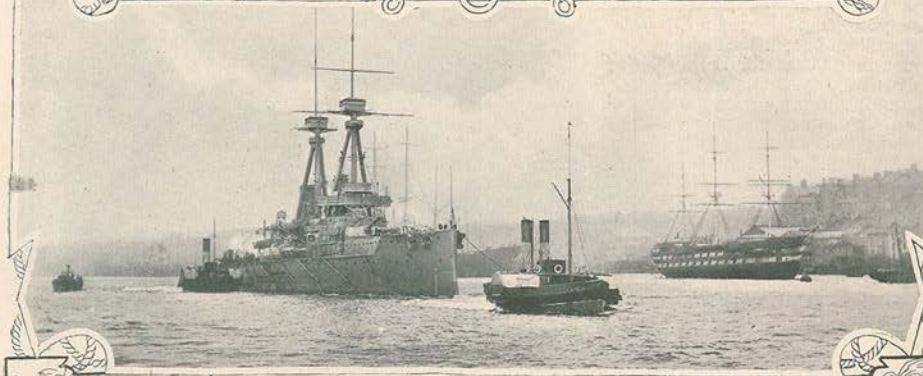
Armstrong, Whitworth & C.ª L.ª

Considerando esta revista que o problema naval constitue sob o ponto de vista politico, tanto nas relações internacionaes como nas relações com as colonias, um dos assumptos capitaes exigidos para a consolidação e prestigio da Republica, volta hoje a tratar um dos aspectos do palpitante problema, inserindo a interessante comunicação que lhe é dirigida por um distinctissimo official da armada.

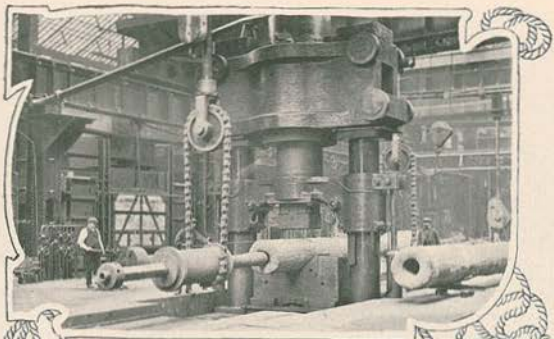
Em dois artigos excellentes descreveu a *Illustração Portugueza* pela penna auctorizada de um tecnico, um dos estaleiros de construcções navaes mais grandiosos do mundo: o da casa Vickers, Maxin & Sons, indicando-o como uma das casas constructoras onde talvez viessem a construir-se algumas das unidades da futura esquadra da Republica Portugueza.

N'esses artigos, lidos pela corporação da armada com

o mais vivo interesse, deixou porém de referir-se o seu illustre auctor a um dos aspectos mais importantes do complexo plano em elaboração Refiro-me á transferencia do Arsenal para a Outra Banda e á sua ampliação, indispensavel tanto para a reparação da futura esquadra como para a construcção de navios subsidiarios: canhoneiras, torpedeiros, contra-torpedeiros, avisos, etc. Tanto a nossa aliança com a Inglaterra como a nossa situação geographica exigem que o porto de Lisboa se transforme n'uma base de operações navaes dotada com todos os recursos para reparação de navios de combate. Recorrendo ás casas Armstrong e Vickers, associadas, a Hespanha emprehendeu já a construcção de estaleiros que a dotam com recursos excepcionaes de poderio maritimo. Portugal não deve, não pôde ficar-lhe atraz.

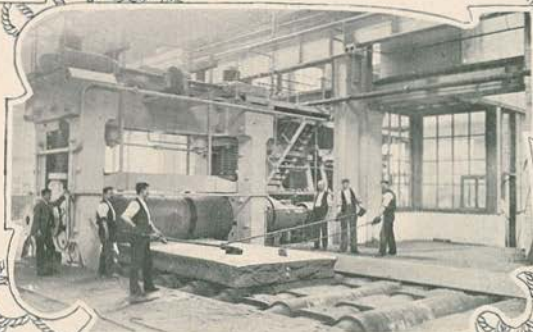


Um cruzeiro construído nos estaleiros monumentaes de Elswick deixando o rio Tyne



1—A prensa de 4.000 toneladas nas oficinas metalúrgicas de Elswick

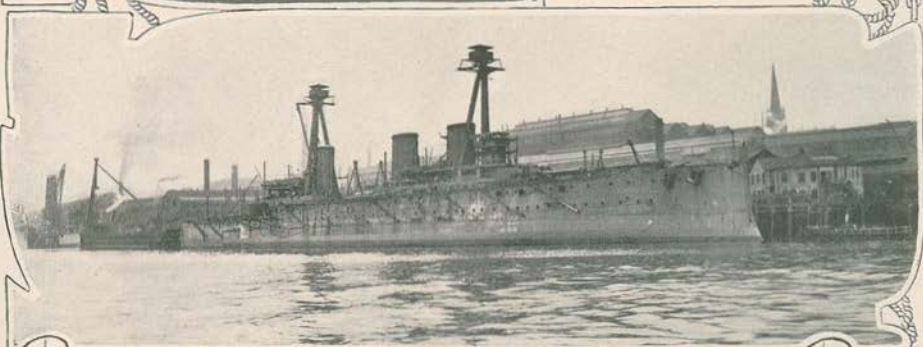
Tendo visitado ha mezes os estaleiros colossaes de Sir W. S. Armstrong, Whitworth & C., fundados em 1847, em New-Castle-on-Tyne, pelo falecido lord Armstrong, e administrados genialmente por Sir Andrew Noble, a minha imaginação visionou o que poderia vir a ser um dia o estaleiro



2—A compressão de uma chapa blindada nas officinas Armstrong

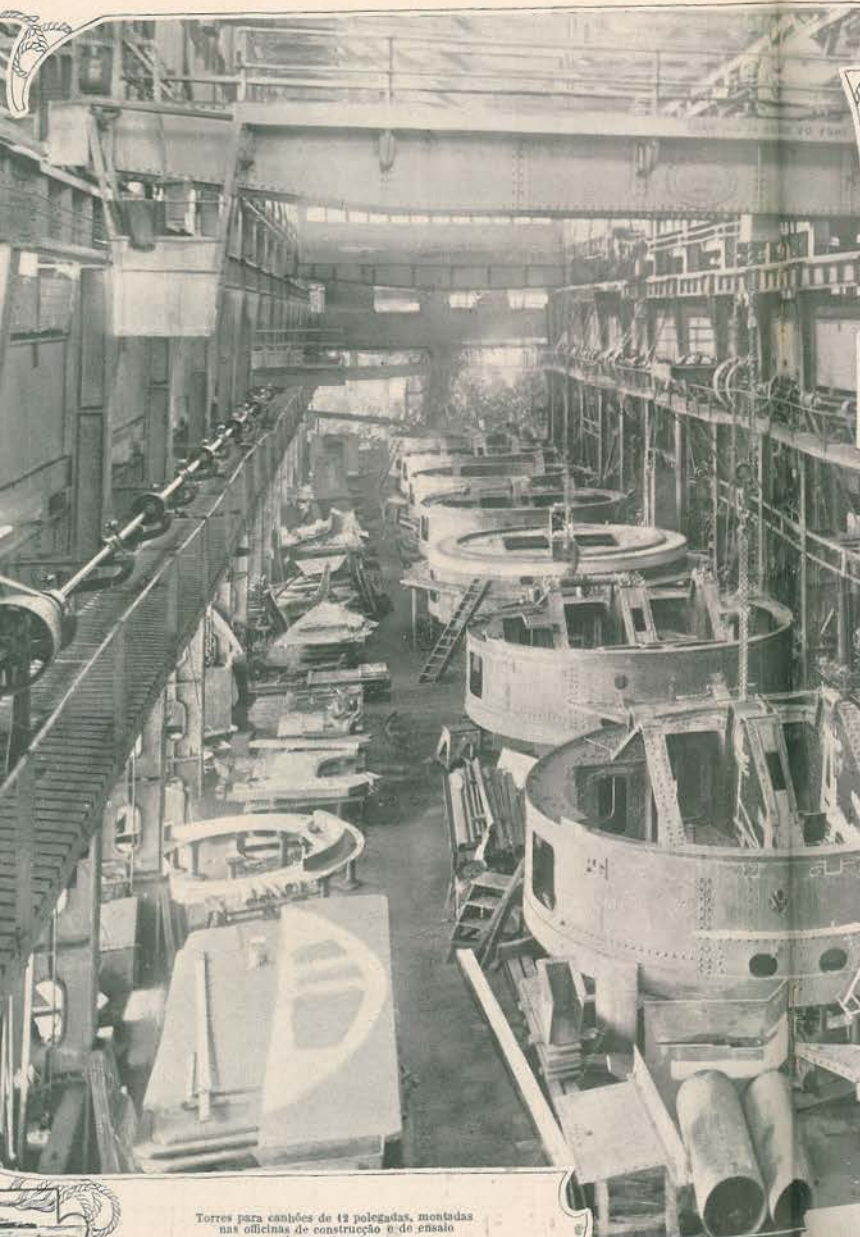
ra e Setubal sommadas! Os colossos teem tambem a sua infancia.

Visitar os estaleiros de Armstrong desconcerta e assombra, pois que elles são uma das cinco maravilhas industriaes do mundo. Está este estabelecimento espantoso dividido em



3—A construção de um propulsor para um grande couraçado da marinha ingleza 4—Um couraçado prompto a sair dos arsenaes de Elswick





grandes secções (departments), dispondo de 03 edificios providos do mais completo maquinismo para a construção de artilharia naval de todos os calibres e seus competentes reparos, de montanha e de campanha com os seus armões e viaturas, projecteis, torres blindadas, machinas propulsoras, turbinas e caldeiras: n'uma palavra todo o material de que se compõe a unidade maritima de combate, desde as helices e a quilha até aos mastsros. Algumas d'estas officinas, como aquella em que se constroem e montam as torres dos couraçados com toda a artilharia, são gigantescas. Ali mesmo as torres são experimentadas em todo o seu complexo funcionamento e da officina transportadas por colossaes guindastes para o convez dos navios. Tem ainda a casa Armstrong a manufactura dos tubos lança-torpedos, tanto submarinos como para cima do nivel d'agua e adaptaveis a toda a qualidade de navios. Este engenho de guerra constitue uma das especialidades dos estabelecimentos Armstrong, adoptado por todas ou quasi todas as nações, algumas das quaes pagam o direito de patente para o poderem construir nos arsenaes do Estado. Para se fazer uma ideia da importancia que assumiu a manufactura do material de guerra nas grandes officinas de New-Castle-on-Tyne bastará dizer-se que desde julho de 1893 até hoje ellas teem fabricado 7.433 peças completas do calibre de 35 ^{mm} para baixo e 8.560 reparos. Desde essa data a casa Armstrong, como acabo de ler n'uma revista naval, tem artilhado 312 vasos de guerra assim distribuidos: Austria, 2; Argentina, 11; In-



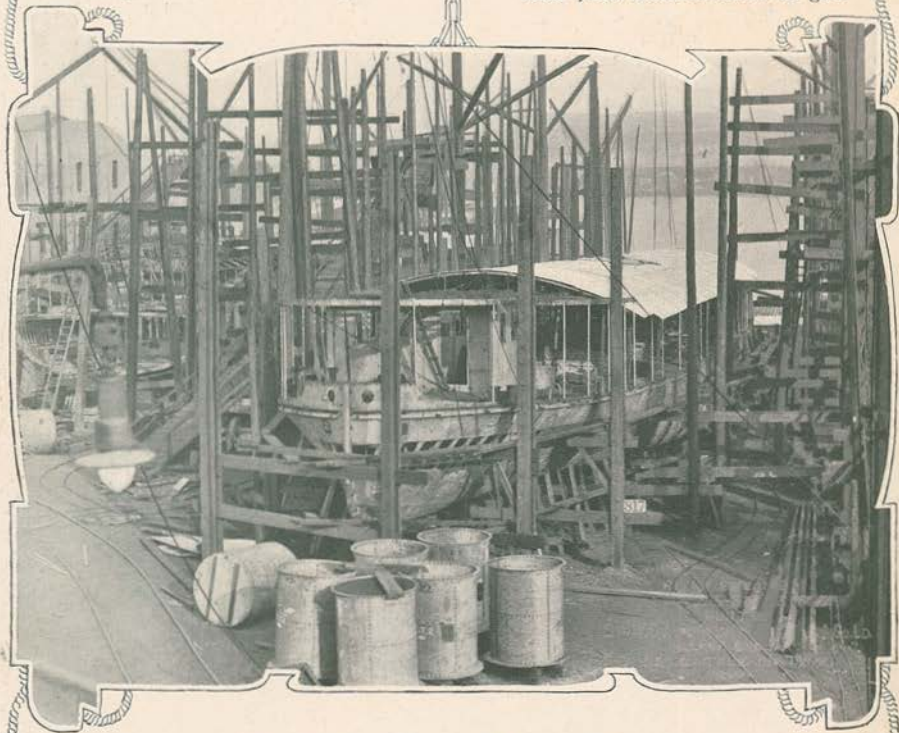
Torres para canhões de 12 polegadas, montadas nas officinas de construção e de ensaio da casa Armstrong

glateria, 134; Brazil, 31; Chili, 17; China, 17; Grecia, 1; Italia, 46; Japão, 36; Noruega, 4; Portugal, 2; Roumania, 1; Hespanha, 5; Turquia, 3 e Estados-Unidos, 2

Já teve a casa Armstrong occasião para sujeitar á prova decisiva do combate os seus navios e os seus canhões. A guerra russo-japoneza fez entrar em fogo quasi todos os seus 36 navios. O resultado é conhecido!

A qualidade do aço obtido nas grandes fundições de Elswick tem uma reputação universal Só o genio

tes, tanto hydraulicos como electricos, ficou constituindo, assim como as pontes giratorias e movedizas, os elevadores para uso dos navios de guerra e para vapores de carga e passageiros, as portas de docas e de diques e os cabrestantes outra das especialidades classicas do grande estabelecimento, onde de preferencia se aprovisiona a industria mundial. A secção de electricidade é igualmente notabilissima N'ella se fabrica toda a qualidade de machinas electricas requeridas pelo moderno navio de guer-



Um aspecto dos estaleiros Armstrong em New-Castle-in-Tyne

de um Zola poderia porém escrever a operação gigantesca representada pela fundição de um lingote de 87 toneladas, que tivemos a rara fortuna de presenciar em todas as suas operações, vendo-o deslocar como um brinquedo nas antenas dos guindastes hydraulicos e electricos. Estes guindastes são uma das maravilhas mechanicas de Elswick. Foi o proprio lord Armstrong quem fez construir sob um projecto de sua invenção o primeiro guindaste hydraulico. Desde então o fabrico de guindas-

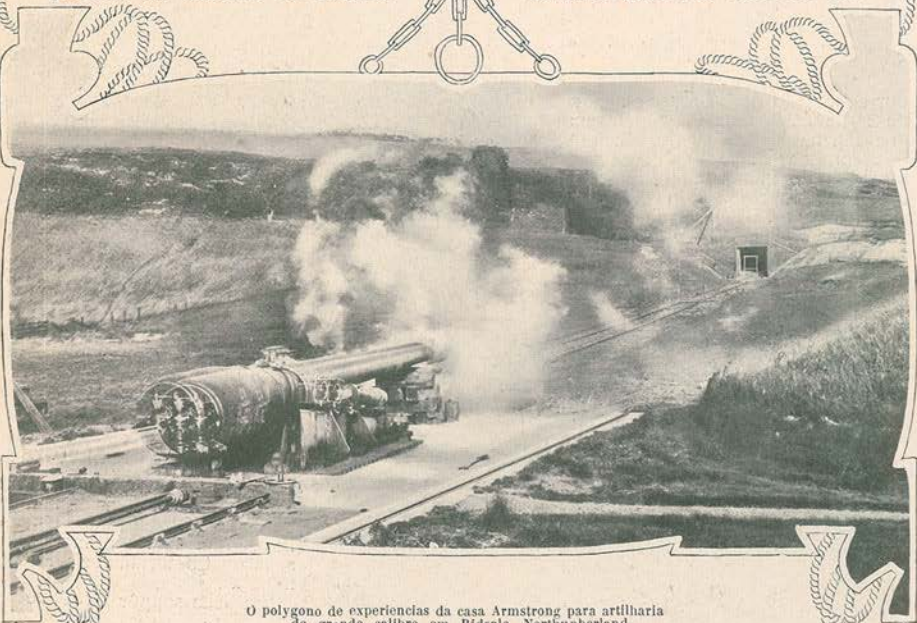
ra, bem como as instalações de luz electrica quer para bordo, quer para applicação terrestre.

Cerca de uma milha distante do Tyne ficam as officinas de Scotswood, onde se manufacturam projecteis de todas as qualidades e calibres, espoletas para granadas e carregamento das mesmas com os mais poderosos explosivos. Adjunta, a fundição de cobre, necessario á construcção do reparo das peças, e n'uma vasta dependencia a officina de serração para os rodados da ar-



tilharia de campanha e viaturas de transportes e serviços militares. Está ainda incorporada n'esta secção a fabrica de automoveis, classificados entre os melhores produzidos pela industria ingleza, e onde foram construidos os auto-omnibus adoptados em Londres, bem como os auto-wagons de serviço militar, em uso no exercito inglez. Com ramificações numerosas, os estabelecimentos Armstrong possuem ainda em Londres, á margem do Tamisa, uma enorme officina para carregamento de projecteis para peças de todos os calibres, de onde os embarcam e expedem aos portos de destino. Mas a tudo sobrelevam em grandeza os estaleiros em Elswick.

damente de 2.500 pés inglezes, ou seja uma distancia igual á que vae de Alcantara ao Terreiro do Paço! As suas carreiras pôdem construir ao mesmo tempo muitos navios até um deslocamento de 40.000 toneladas. Entre os guindastes formidaveis, fixos e moveis, que elevam nos caes os seus braços de ferro, destaca o guindaste hyraulico para 150 toneladas—o maior de Inglaterra,—construido nas proprias officinas Armstrong. Para melhor se avaliarem os recursos prodigiosos do estaleiro gigantesco de Elswick bastará citar o facto de durante o anno de 1896 ter a seu cargo não menos de 26 navios de guerra de differentes clas-



O polygono de experiencias da casa Armstrong para artilharia de grande calibre em Ridsale Northumberland. Um canhão de 12 polegadas fazendo fogo

Inaugurados em 1884, destinaram-se desde a sua fundação á construcção de navios de guerra de todas as cathogorias, estreando-se com um pequeno cruzador para a marinha austriaca, a que se seguiu a construcção de outros navios similares. Eram estes cruzadores da classe dos torpedeiros e n'aquella data muito adiantados ás ideias que prevaleciam na engenharia naval. Construidos ha 26 annos, a prova da excellencia da sua fabricação está em figurarem ainda hoje no quadro dos cruzadores da marinha austriaca em activo serviço.

A extensão occupada pelos estaleiros d'Elswick sobre o Tyne é approxima-

ses. N'este numero está incluído um dos maiores vasos de guerra até a esse tempo construidos, de 12.300 toneladas e 14.000 cavallos de força, além de 2 cruzadores couraçados de 1.ª classe, deslocando 9.600 toneladas com 18.000 cavallos, um cruzador couraçado de 8.500 toneladas e 16.000 cavallos de força motora, outro de 7.000 toneladas e 18.000 cavallos, etc.

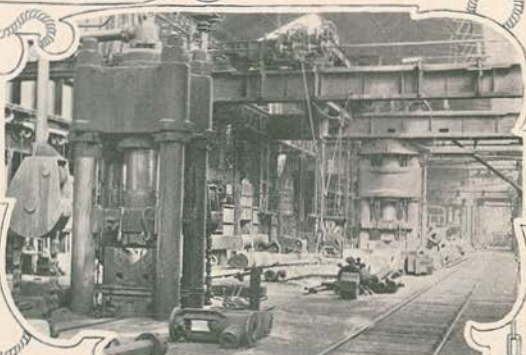
O total do deslocamento dos navios n'esse anno em construcção elevava-se a 98.000 toneladas, com 233.000 cavallos de força, tendo sido n'esse curto periodo de tempo lançados ao mar nos estaleiros d'Elswick um couraçado de linha, de 1.ª classe, um cruza-





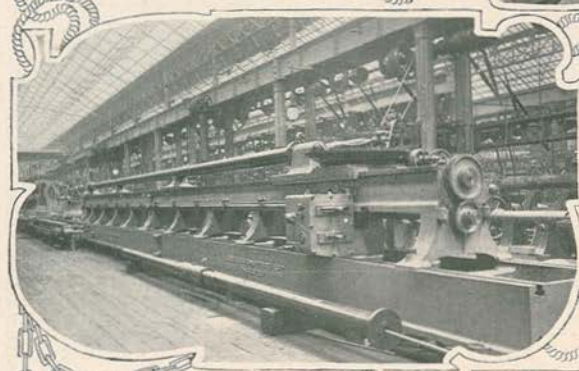
A montagem das chapas blindadas do couraçado brasileiro «Minas Geraes».

dor couraçado de 1.ª classe e quatro de 2.ª classe. A somma de tonelagem dos 100 navios de guerra construídos em Elswick para as diferentes marinhas do mundo atinge 550:000 toneladas, representando 1.370:000 cavalos vapor. D'estes navios, como lêmos na revista ingleza de que estamos transladando estas notas, 42 foram construídos para In-



2—As prensas monumentaes das officinas metalurgicas de Elswick

3—Officinas onde se torneiam e acabam as almas das grandes peças de 12 polegadas



4—Couroças de 12 polegadas construído nas officinas Armstrong para o couraçado «Dreadnought»


glaterra, 13 para o Japão, 8 para o Brazil, 7 para o Chili, 17 para a China, 3 para a Argentina, 4 para a Noruega, 4 para a Italia, 2 para a Austria, 1 para Portugal o cruzador *Almirante Reis*, antigo

D. Carlos, 3 para os Estados Unidos e 1 para a Turquia. Actualmente acham-se em construção nos estaleiros Armstrong a grande surpresa naval que é o *great super Dreadnought* «*Monarch*», e o cruzador protegido de 2.ª classe *Weymouth*, do tipo *City*

melhorado—ambos para o almirantado inglez, um cruzador-escola para a China e um poderosissimo couraçado para o Brazil que será o primeiro dos seus quatro formidaveis *Dreadnoughts*.

Era licito supôr pelo que temos dito que a casa Armstrong considerava os seus

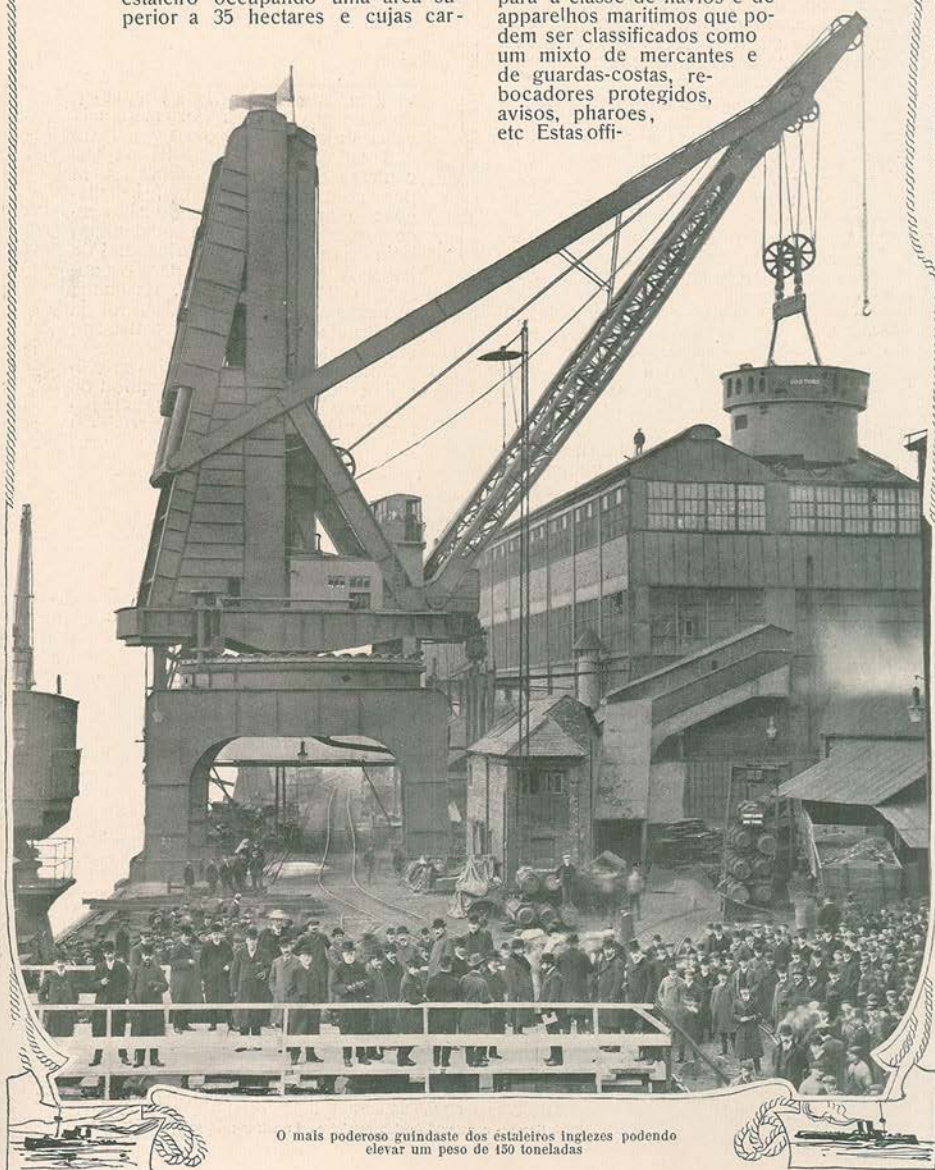





immensos estaleiros de Elswick habilitados á construcção das armadas futuras. Mas o previdente orgulho da industria ingleza, encarando a perspectiva do crescimento incessante do navio de combate, não o entendeu assim; e foi com assombro que vimos os trabalhos já inaugurados, a cerca de cinco milhas de Elswick para a Foz do Tyne, de um novo estaleiro occupando uma area superior a 35 hectares e cujas car-

reiras poderão comportar até ao numero de 8 os maiores navios de guerra que a imaginação possa conceber na lucta portentosa dos Dreadnoughts!

Exclusivamente destinados á construcção de vasos de guerra como são os estaleiros de Elswick, a casa Armstrong possui além d'esses o estaleiro de Walker para navios mercantes e para a classe de navios e de apparatus maritimos que podem ser classificados como um mixto de mercantes e de guardas-costas, rebocadores protegidos, avisos, pharoes, etc Estas offi-



O mais poderoso guindaste dos estaleiros ingleses podendo elevar um peso de 150 toneladas

cinas, que tambem visitamos e que são

o typo que conviria adoptar no arsenal da Outra Banda, acham-se situadas na margem norte do Tyne, a cinco milhas de Elswick e mais a leste dos novos estaleiros em construcção De Walker, segundo os relatorios da companhia, teem sahido mais de 700 navios mercantes de todas as classes, comprehendendo quebra-geios, dragas, vapores de rodas, vapores de carga, vapores para cabos submarinos e vapores de rio para passageiros. Constituem uma das especialidades d'este estaleiro

modelo os vapores de tanques para transporte de liquidos. Dos 268 vapores d'este typo que actualmente cruzam os mares, uada menos de 98 foram construidos nos estaleiros Waker da casa Armstrong.

A producção de chapas de aço para couraças, essa está confiada ás celebres officinas Oppenshaw, que antigamente pertenciam á bem conhecida firma de sir Joseph Whitworth & C^o, que em 1897 foram incorporadas na casa Armstrong. Situadas nas cercanias de Manchester, occupam uma area de 130 hectares.

A producção que tanta e justiciada fama deu a sir Joseph Wgithworth tem sido escrupulosamente mantida no mesmo inexcedivel apuro. As ferramentas de aço de Armstrong-Whitworth teem uma reputação mundial As maiores prensas hydraulicas conhecidas sahiram das officinas metallurgicas de Oppenshaw. A sua producção comprehende não só a chapa de aço para couraças, e utensilios necessarios tanto a bordo dos navios de guerra como a bordo dos grandes transatlanticos. Lá foram fabricadas as turbinas dos celebres e velozes paquetes da Companhia Cunard.

Descriptos d'este modo sumario os colossaes estabelecimentos Armstrong, deixámos propositadamente para o fim a referencia a uma das iniciati-

vas da poderosa em preza de construcções navaes. Referimo-nos á installação dos estaleiros de Pozzuoli

Em 1885, quando a Italia iniciou a restauração da sua marinha, a casa Armstrong estabeleceu sob os auspicios do governo italiano as suas officinas de Pozzuoli, perto de Napoles, modeladas pela experiencia adquirida em Elswick. Esta succursal fabrica o seu proprio aço e pode fornecer qualquer classe de peças, reparos para navio e fortaleza, assim como toda a variedade de artilharia de pequeno calibre. Forneceram já estas officinas ao governo italiano e a outros paizes um total de 900 canhões de todos os calibres, além dos competentes reparos, installações e machinismo, tendo sido recentemente ampliados e constituindo hoje o mais importante arsenal de Italia. A torre blindada para o couraçado *Vittorio Emanuel*, destinada a peças de 220 toneladas, foi já construida pelas officinas Armstrong em Pozzuoli.

E nós perguntamos ao illustre official a quem a Republica confiou os destinos da marinha portugueza:— Portugal não poderia ter tambem o seu Pozzuoli?

S. E. D.



O „couraçado „Mina Geraes“ construido” pelos estaleiros Armstrong

COMO NOS DEVEMOS ALIMENTAR

POR MADAME SELDA POTOCKA

OS TEMPEROS NA ALIMENTAÇÃO

Os condimentos usuas como o sal, a pimenta, a noz muscada, a mostarda, as essencias de carne, o vinagre, os molhos, etc., devem ser, senão totalmente evitados, pelo menos discretamente empregados na alimentação

Com tantas misturas e todas as suas variações, taes como se usam na cozinha portugueza, os molhos só servem, as mais das vezes, para destruir o gosto natural das iguarias e para perverter o paladar, cultivando appetites anormaes. Um dietetico celebre, falando dos molhos, disse que elles pareciam ter sido inventados apenas para encobrir o sabor dos alimentos. E, certo é que muitos cozinheiros sem escrupulo, e a maior parte por ignorancia, se aproveitam d'essa vantagem para occultar a corrupção e adulteração dos alimentos, fazendo-os aceitar com prazer quando seriam repellidos pelo sentido normal do paladar, se os não servissem revestidos com o artificio dos molhos. Com o habito adquire-se o gosto pelas comidas fortemente temperadas, sem se pensar que se violentam, pelo preço de um prazer artificial, as leis da saude. Experimente-se dar a uma creança, cujo paladar não esteja ainda pervertido, um alimento condimentado. A creança regeita-o.

O vinagre é a resultante da fermentação acida do vinho, operada por um micro-organismo. Não passa, pois, de um liquido em decomposição. O seu uso diario é um verdadeiro attentado contra a saude. Os germens da acidez (os *mycoderma-aceti*) adulteram os succos gastricos e atacam os globulos vermelhos do sangue.

Uma creança alimentada de conservas definha rapidamente, empallidece e o seu crescimento compromette-se. Muitas especies de vinagres commerciaes são combinações chimicas de acidos, bem mais terriveis ainda que a acidez do vinho fermentado.



O pequeno almoço

Um mais largo uso de fructa diminuirá o appetite artificial pelos acidos. Se, porém, o paladar os exigir, o melhor será satisfazel-o com sumo de limão. Este devia substituir em toda a cozinha hygienica o uso nocivo do vinagre.

Os extractos de carne, com que geralmente se preparam o *beef-tea* e caldos para enfermos, não possuem nenhum authenticico valor alimentar. Conservam em grande proporção, condensadas, as toxinas animaes e toda a substancia chimica inorganica. Podem ser de momento um estimulante ficticio, mas não passam de verdadeiros ludibrios alimentares.

Contra o que geralmente se suppõe, o sal é o mais nocivo dos condimentos usuaes pelo uso prodigo que d'elle se faz, não faltando quem o considere um elixir da vida. Esta idéa erronea foi gradualmente sendo contradictada é medida que a natureza chimica do sal foi sendo melhor comprehendida. Hoje são muitos os sanatorios e hospitaes na America e na Europa que deixaram de empregar o sal na preparação da comida e cada vez maior o numero de medicos que o proscrevem da alimentação dos seus doentes.

A natureza é mais previdente que os cosinheiros. Ella preparou saes assimilaveis em variadas substancias alimenticias para uso do organismo humano.



O mercado de Rotterdam—Quadro de Hendrick Sorgh (escola hollandeza)

O sal commum é uma substancia mineral inorganica inassimilavel Não intervem na formação de quaesquer tecidos. Fica no sangue até poder ser eliminado pela pelle, pelos rins ou pelos intestinos, ou se fixa como um sedimento em volta das articulações. Por mais extraordinario que pareça, o sal é a causa de muitos defluxos ou corysas Quando os poros da pelle são subitamente contrahidos pelo ar frio, os excessos de saes são expulsos através as delicadas membranas que revestem a garganta e os pulmões sob a fórma de defluxo. Os phlegmas expectorados pelos tuberculosos são intensamente salgados. Sabe-se que as doenças da natureza do escorbuto são causadas por um excessivo uso de comidas salgadas correspondentemente a um diminuto uso de vegetaes frescos.

A pimenta e a mostarda são venenos vegetaes. O uso da mostarda deteriora a pelle e a sua acção irritante sobre as mucosas do estomago é um facto averiguado.

Quanto mais um alimento se approxima do seu estado natural tanto mais elle é benefico. Nunca este principio devia ser esquecido. Adulterar o alimento é adulterar a saude Não se engana o paladar sem enganar o organismo.

Selda Potocka.

O ENTRUDO DE LISBOA EM 1911



Um aspecto da Avenida

O Carnaval accentuou-se sobretudo pelo grande numero de creanças mascaradas que andaram por essas ruas, nos bailes infantis e nos passeios publicos. Já no anno anterior tinham apparecido



Um dos carros carnavalescos na Avenida

muitos pequenitos vestidos de republica; este anno, com o advento do regimen, redobramos esses trajos e os de satyra aos de frades e irmãs de caridade que tornavam realmente engraçados os pequeninos mascarados. Fóra d'estas notas graciosas e pittorescas, d'estas figuritas curiosas, só realçaram no Carnaval lisboeta as festas dos estudantes. As diversões





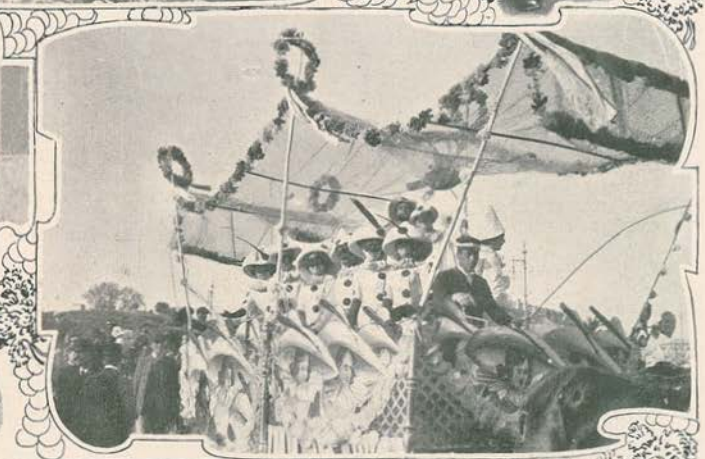
na Avenida, nas ruas da Baixa, no Chiado foram eguaes ás dos annos anteriores sem



terem cousa alguma de saliente, de original de vivamente pittoresco que tão natural se-



1—Um carro que fez sensação
2—Um cyclista original



4—Uma galera dos arrabaldes na Avenida
 4—Um carro reclamo
 5—Outro aspecto do Carnaval na Avenida
 (Clichés de Benoitel)

ria por esses tres dias de sol tão lindo como já ha muito não ha memoria por um enruodoem Portugal.

A REVISTA "N'UM RUFO"



Alves no papel de «apache»



Machado Correia



João Phoca



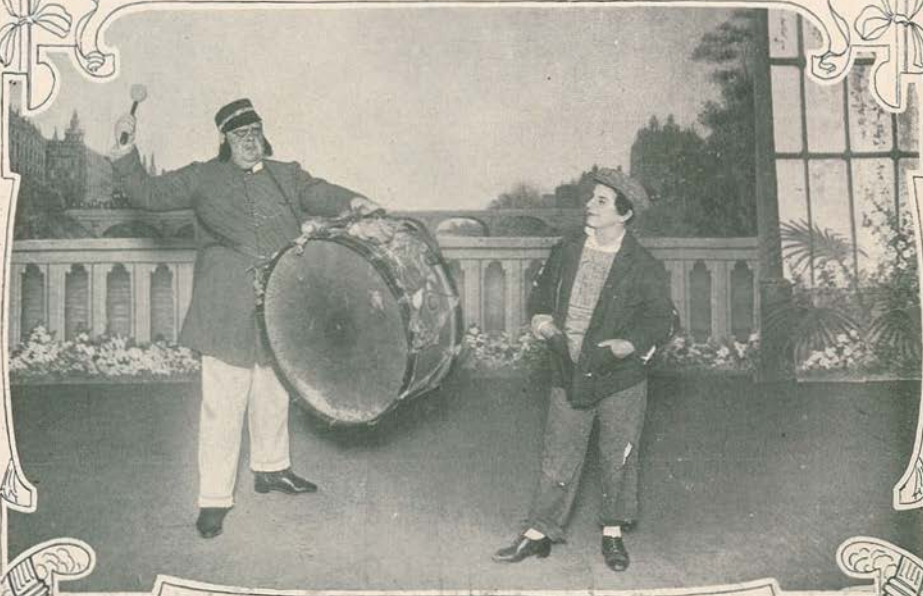
Angela Pinto no papel de «mulher apache» (Clichés de Vasques)

A revista *N'um Rufo* que subiu á scena no theatro da Republica nas noites de carnaval e com um exito que se estendeu pela semana seguinte, consta d'uma serie de episodios cheios de espirito, com figuras habiladas aproveitadas pelos seus auctores Machado Correia e João Phoca.

A critica é leve, graciosa, feita com intelligencia, apa-

nhando os ridiculos e beliscando-os apontados sem ferir, expondo-os sem maguar apesar de se tratar d'uma revista carnavalesca. Viu-se que ia ser escutada por um publico cuidado e os auctores souberam ter graça, fazer rir, e com que o publico sahisse contente do theatro.

Realmente é o que deve ser a revis-



Chaby e Adellna «o bombo e o garoto»



ta; alguma cousa que prenda, entretenha o espirito, mostre um defeito sem o apurar, sem offender crenças, sem violencias e sem abusos de linguagem. N'um rufo é isso ainda com uma engraçada gale-



ria de tipos de todos os meios lisboetas, desde os das ruas aos das salas, desde os das portas dos cafés aos dos theatros e que os artistas souberam incarnar da mais real e graciosa das maneiras.



1 e 3—Scenas da revista 2—Maestro Assis Pacheco, auctor da musica (Clichés de Benoitel)

O PINTOR DECORADOR

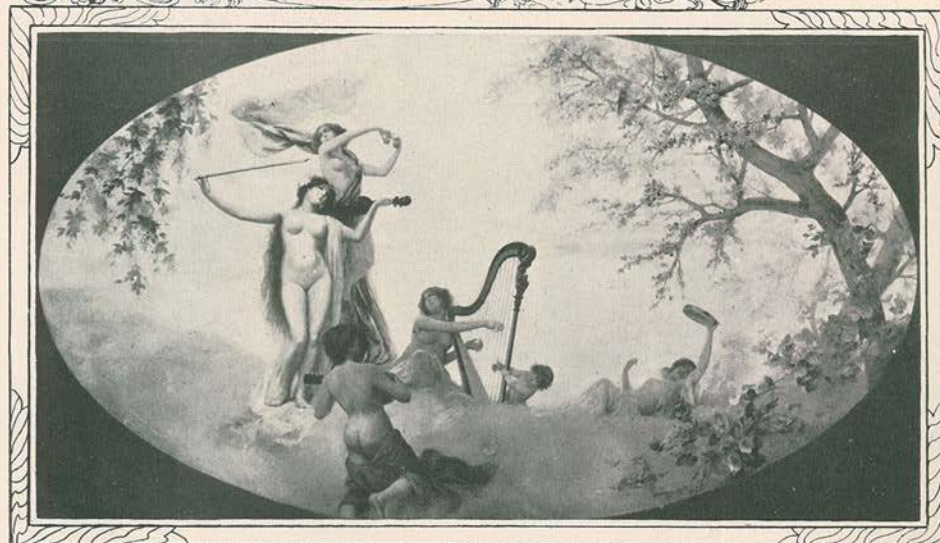
Domingos Costa

A arte decorativa em Portugal se não teve uma idade d'ouro foi no emtanto aproveitada com talento nas casas fidalgas do seculo XVIII. Os tectos foram decorados com assumptos quasi sempre sacros e mythologicos ou com a legorias a que se não dispensavam as divindades. Tambem de quando em quando, um ou outro artista ia copiar ao natural para fazer os seus *panneaux*



1—O pintor Domingos Costa
2—Tecto de quarto de dormir em casa do sr. Serrão Franco

d'alto valor como são os da sala da musica de Queluz, onde se mostram os retratos das princezas, e do proprio rei José I



3—Panneau decorativo destinado ao tecto de um salão de musica em estylo Luiz XVI, na casa do sr. Evaristo Lopes Guimarães. Actualmente exposto no salão da «Ilustração Portugueza»



Tecto da ourivesaria
Reis do Porto

ouv'ndo uma cantata; como são ainda os motivos decorativos da casa onde morreu D. Pedro V, todo cercado por episodios da vida de D. Quixote. Pelos palacios antigos ainda se encontram restos d'esses esplendores, de tintas bem conservadas, vivas, fortes, como succede no arrimado pavilhão do palacio da Ega, na Junqueira.

Um dia a tradiçãõ artistica interrompeu-se; detestaram-se quasi as bellezas da pintura, até que a educação moderna surgindo, levou as pessoas abastadas e de gosto a desejarem decoradas as casas que mandavam construir na Lisboa que remoçava e nos lindos arrabaldes em Cintra e no Estoril. Ao mesmo tempo tambem, uma corrente de modernismo levava os lojistas a reformarem as fachadas dos seus estabelecimentos, a embellezarem-nas com primorosas allegorias, reclamos e ornatos artisticos. N'estes trabalhos tem sido eximio o pintor decorador Domingos Costa, que, á força de trabalho aturado, dispondo de faculdades, tendo uma consciencia absoluta do colorido, pouco a pouco se tem imposto

com fuma justiça que nos agrada revelar.

Os seus motivos decorativos no lindo palacio do sr. Candido Sotto Mayor, em que ha deusas entre nuvens, acolhendo Cupidos em braços eburneos, divindades dedilhando lyras, anjos e pombos que esvoaçam, tudo n'esse sabor delicado do tempo de Luiz XVI, são realmente notáveis.



Panneau no hall da casa do sr. Carlos Correia da Silva



1—Panneau pintado em crystal,
na fachada
do estabelecimento do sr. João Cardoso,
na rua do Carmo
2 e 3—Panneux em crystal,
que decoram
a fachada do estabelecimento
do sr. Gonçalves Costa na rua do Carmo

As decorações das paredes em casa do sr. Correia da Silva, nudezas de creanças, flores, aguas, assim como a applicação de arte nova que se vê em alguns estabelecimentos da Baixa, tudo isso deu a esse artista uma aura que se manifesta na serie de trabalhos de que constantemente o encaregam.

Ultimamente ainda, Domingos Costa pintou para a sa'a de musica do sr commendador Evaristo Lopes Guimarães, um *panneau* de seis metros de comprimento, por tres de alto, ainda no genero Luiz XVI, e que está exposto no salão da *Illustração Portuguesa*.

Sendo um dos seus melhores trabalhos, põe em evidencia o successivo aperfeiçoamento do methodo de Domingos Costa, que é tambem um dos nossos primeiros artistas na difficilissima pintura decorativa em vidro, em que tem magnificos trabalhos.

